

Caeiro: uma vacina contra a estupidez dos inteligentes

Caeiro: a vaccine against the stupidity of intelligent people

Palavras-chave: poesia, filosofia, sensação, Fernando Pessoa, Alberto Caeiro.

Keywords: Poetry, philosophy, sensation, Fernando Pessoa, Alberto Caeiro.

Gisele Batista Candido

Doutora em Filosofia - Universidade de São Paulo.
E-mail: giselebc@gmx.net

“O homem não pode permanecer consciente por muito tempo; às vezes tem de se refugiar na inconsciência, pois nela vive sua raiz.”

Thomas Mann, *Carlota em Weimar*

RESUMO. Mais que um heterônimo, Alberto Caeiro é reconhecido como um Mestre por Fernando Pessoa e pelos outros heterônimos do universo deste poeta português. As experiências, nascidas de sua singular entrega às sensações, nos conduzem tanto a reflexões críticas, de pertinência filosófica, sobre os domínios e os limites do pensamento, como a uma nova forma de experienciar o mundo. Além de acompanhar tal movimento e explorar os mecanismos da “lógica” caeiriana, considerando o caminho percorrido por Caeiro e o relato de seus discípulos (Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Antonio Mora e Pessoa), esse ensaio buscará também refletir sobre a posição – a de Mestre – ocupada por ele no universo pessoano.

ABSTRACT. More than a heteronym, Alberto Caeiro is considered a Master by Fernando Pessoa and the other heteronyms of the universe of this Portuguese poet. The experiences that come from his unique dedication to sensations lead us to critical reflections of philosophical importance about the domains and limits of thought as well as to a new form of experiencing the world. This essay not only tracks this movement and explores the Caeirian “logic”, considering the path taken by Caeiro and the reports from his disciples (Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Antonio Mora, and Pessoa), but also reflects on the position – that of a Master – that he occupies in the Pessoaan universe.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

I

A pertinência filosófica da obra de Fernando Pessoa é tal que, constantemente seus leitores mais afeitos ao cotidiano des-

se universo encontram em seus escritos ecos e até mesmo referências que os remetem a diversos autores da filosofia. O próprio poeta português reconheceu que “era um poeta inspirado pela filosofia” (PESSOA, *Escritos autobiográficos...*, p. 19). Com efeito, além de seu espólio contar com inúmeros escritos críticos sobre diferentes filósofos, sua poesia também apresenta, de certa forma, teor filosófico. Entretanto, o envolvimento entre poesia e filosofia na obra pessoana não se configura como uma relação óbvia, como se sua poesia fosse apenas um pretexto para o desenvolvimento de palpitações filosóficas ou mesmo uma simples tentativa de poetizar experiências alheias. Embora o poeta reconheça a influência da filosofia, ele imediatamente reitera que “não [é] um filósofo com faculdades poéticas” (PESSOA, *Escritos autobiográficos...*, p. 19).

Nesse horizonte, a poesia de Alberto Caeiro revela não apenas inspiração filosófica, mas sobretudo uma problematização do próprio exercício filosófico, que será enfaticamente questionado em algumas de suas perquirições mais próprias, a saber: a orientação do pensamento e a primazia atribuída ao conhecimento.

Como veremos adiante, não podemos negar que em muitos momentos essa crítica caeiriana pode nos lembrar a filosofia de Nietzsche, que, por exemplo, em suas *Considerações Extemporâneas*, enfatiza o prejuízo envolvido na acumulação de conhecimento num certo sentido histórico:

Pois nós modernos não temos absolutamente nada que provenha de nós mesmos; somente na medida em que nos entulhamos e apinhamos com épocas, hábitos, artes, filosofias, religiões, conhecimentos alheios, tornamo-nos dignos de consideração, a saber, enciclopédias ambulantes... (NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva*, p. 34)

Tal crítica em Caeiro, no entanto, constitui apenas uma etapa da experiência proposta por sua poesia, como uma oportunidade para desintoxicação do acúmulo civilizatório. Desse momento decorrerá, por exemplo, uma percepção mais nua da natureza, que bem poderia ser comparável às reflexões de Merleau-Ponty sobre Cézanne:

Percebemos coisas, entendemo-nos sobre elas, estamos enraizados nelas, e é sobre essa base de “natureza” que construímos ciências. Foi esse mundo primordial que Cézanne quis pintar, e por isso seus quadros dão a impressão da natureza em sua origem, enquanto as fotografias das mesmas paisagens

sugere os trabalhos dos homens, suas comodidades, sua presença iminente. (...) Vivemos em um meio de objetos construídos pelos homens, entre utensílios em casas, ruas, cidades e, na maior parte do tempo, não os vemos senão através das ações humanas das quais eles podem ser os pontos de aplicação. Habitamo-nos a pensar que tudo isso existe necessariamente e é inabalável. A pintura de Cézanne suspende esses hábitos e revela o fundo de natureza inumana sobre o qual o homem se instala. (MERLEAU-PONTY. *O olho e o espírito*, p. 128, 131)

Apesar dessas e de tantas outras possíveis convergências, o caminho aberto e percorrido por Caeiro, como veremos, é peculiar em suas transformações e originalmente conciliatório em sua potencial plenitude, experiências inseparáveis de sua ímpar existência poética.

II

Sobre o processo de gênese de Alberto Caeiro, lemos em uma carta de Pessoa destinada a Casais Monteiro:

Lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro — de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutro papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a Chuva Oblí-

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

qua, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro. (PESSOA, *Alguma Prosa*, p. 52)

Embora essa versão sobre a criação do “mestre” seja, em certa medida, colocada em questão por estudos dos manuscritos da obra pessoana¹, nem por isso torna-se menos pertinente considerá-la. Cientes também do apreço de Pessoa pela criação de mitos, a escolha por tal versão e a necessidade de expressá-la não parece ser gratuita: ela compõe a história de Caeiro (de outros heterônimos e do próprio ortônimo) e pode contribuir para iluminar aspectos de sua natureza. Encontramos nos escritos de Rudolf Lind observações que também corroboram com essa abordagem:

Não há, pois, na carta, uma única referência aos programas estético-literários que, originalmente, tal como no-lo mostra o espólio, apadrinharam o nascimento dos heterônimos. Não nos repugnaria concluir que o poeta manhoso se decidira, em 1935, a cultivar conscientemente a sua própria lenda, apresentando-se aos amigos mais jovens como o pai involuntário de três personagens poéticas e ocultando, propositadamente, todas as considerações de ordem teórica e programática que haviam precedido o nascimento delas. (LIND, *Estudos sobre Fernando Pessoa*, p. 100)

Sem cair no mérito de determinar se foi consciente ou não a escolha pessoana por salientar que a primeira tentativa de criação do mestre heterônimo nasceu de uma espécie de brincadeira, “fazer uma partida ao Sá Carneiro”, chama-nos atenção a sintonia dessa circunstância – o jogar remete também à ingenuidade da infância, momento privilegiado para se envolver pela criatividade lúdica – com o caráter também lúdico, ingênuo e, porque não, infantil de Alberto Caeiro, que insiste em comparar seu modo de sentir ao de uma criança e diz: “Nunca fui senão uma criança que brincava” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 94).

1 Conforme Richard Zenith, a verdadeira ordem cronológica da obra caeiriana é distinta da ordem estabelecida por Pessoa. Assim como o tal dia triunfal, em que o poeta português diz ter escrito trinta e tantos poemas a fio, não existiu da maneira como foi narrada por ele. A escrita desses poemas envolveu uma extensão de tempo bem maior: “Houve, se não um dia, um mês triunfal – março de 1914 – confirmado pelos dados dos manuscritos” (ZENITH, *Caeiro Triunfal*, p. 221).

Configurando sua recusa em crer num Deus abstrato ou carnalmente ausente, o poeta ingênuo opta, inclusive, por encarnar o seu Cristo em uma criança brincalhona e afirma que esse Cristo-criança: “A mim ensinou-me tudo./ Ensinou-me a olhar para as coisas” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 29). Longe de qualquer idealização e generalização, esse deus-criança-encarnado mostra-se absolutamente humano e particular em suas atitudes, que são enfaticamente infantis:

Num meio-dia de fim de primavera/
Tive um sonho como uma fotografia,
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte/
Tornando outra vez menino,
A correr e a rolar pela erva/
E a arrancar flores para as deitar fora/
E a rir de modo a ouvir-se de longe.
(...) É uma criança bonita de riso natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares/
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam/
E que toda gente acha graça,
Corre atrás das raparigas/
Que vão em ranchos pelas estradas/
Com as bilhas às cabeças/
E levanta-lhes as saias. (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 28)

Ainda que em sonho, a existência desse deus é necessariamente vivenciada por Caeiro, e mais, a relação direta entre o deus e o poeta é estabelecida de forma lúdica, através de uma brincadeira: “Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas/
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta...” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 31).

A ingenuidade do olhar infantil, livre dos vícios do hábito e do conhecimento, se achega ao mundo de forma aberta, sem determiná-lo previamente. Assim ele é capaz de se surpreender, uma vez que tudo se mostra como novidade diante dessa perspectiva pueril. O pasmo advindo de tal olhar será uma das principais características cultivadas por Caeiro, sobretudo quando ele quer explicitar sua forma de sentir o mundo: “Como uma criança antes de a ensinarem a ser grande,
Fui verdadeiro e leal ao que vi e ouvi” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p.146). Ademais, sua “aprendizagem de desaprender” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p.49) – método absolutamente necessário para se despir de todas as interferências culturais e intelectuais – não é nada mais que uma forma deliberada de retomar esse contato ingênuo e primordial com o mundo. Caeiro defende que o seu modo de sentir, em certa medida, é como o de uma criança que acabara de nascer: “Sei

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

ter os pasmo comigo/ Que tem uma criança se, ao nascer,/ Reparasse que nasceu deveras...” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 19).

Sabemos que a noção de infância ocupa um lugar privilegiado no universo de Pessoa. Não é de se estranhar, portanto, que o seu mestre, até nas circunstâncias de sua gênese, seja aquele que tem a relação mais íntima com ela.²

O projeto de “fazer uma partida ao Sá Carneiro” pode ter sido malogrado, mas talvez não seja exagero dizer que desse lapso nasceu uma nova partida: um jogo entre Pessoa e Caeiro. O surgimento deste último não está condicionado a qualquer vontade deliberada. O poeta português escreve que quando pretendia criar Caeiro, apesar de todo o seu esforço, este não surgia; à revelia de sua vontade e como que brincando com sua autonomia, o mestre heterônimo só veio ao mundo quando ele finalmente desistiu de criá-lo, assumindo ainda personalidade e vida próprias, sensivelmente distintas do originalmente planejado por seu, por assim dizer, criador. Nesse circuito, o jogo entre criador e criatura torna-se ambíguo. Para José Augusto Seabra, “as criaturas são aqui criadas por e para a criação” (SEABRA, *Fernando Pessoa ou o poetodrama*, p. 90). Com efeito, a presença de Caeiro surge imperiosamente e arrebatada de tal forma o seu criador, que este confessa sentir-se apenas como meio e não senhor dessa criação. Além de ser completamente tomado por essa presença, sem ser capaz de suspendê-la, manipulá-la ou direcioná-la, Pessoa é como que controlado por ela, tanto que sente uma espécie de apagamento de sua própria personalidade e a sujeição de sua autonomia a uma potência maior, que, em contrapartida, o obriga a escrever – como ele mesmo, o poeta ortônimo – para que seja possível o retorno a si.

Em *Poetas do Atlântico*, a propósito de um possível paralelismo entre Pessoa e Wallace Stevens, Irene Ramalho Santos escreve sobre a relevância e o caráter da experiência de despersonalização dramática vivida por Pessoa diante da presença de Caeiro:

Ambos os textos [a carta, a Casais Monteiro, sobre a gênese da heteronímia de Pessoa e Notes Toward a Supreme Fiction de Stevens] são representações do modo como um poeta entende sua própria identidade (ou ficção de identidade) enquanto criador original. Ambos necessitam da dramatização de um outro poder poético contra o qual a sua independência

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

2 Álvaro de Campos também escreve sobre o teor infantil da obra de Caeiro: “O que realmente recebemos d’aquelles versos é a sensação infantil da vida, com toda a materialidade directa dos conceitos da infancia, e toda espiritualidade vital da esperança e do crescimento, que são dos inconsciente, da alma e corpo da infância.” (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 105)

criativa tem de ser afirmada e avaliada. (SANTOS, *Poetas do Atlântico*, p. 243)

Enfim, mais do que ser arrebatado e submetido, Pessoa é sobremaneira modificado; ainda que tenha voltado a si, ele confessa que depois dessa experiência nunca mais foi o mesmo, pois foi transformado, recriado pela presença daquele que será então reconhecido como seu mestre, bem como de seus principais heterônimos.

III

Alberto Caeiro não foi a primeira personalidade a surgir no universo pessoano. Entre os principais heterônimos, ele também não é o de idade mais avançada ou o de maior longevidade, não é o mais “experiente”, nem o mais erudito, nunca alcançou publicamente qualquer destaque, sua condição social é limitada, conheceu poucos lugares, teve acesso a pouca instrução, a estrutura de seus versos pode não parecer muito sofisticada ao olhar erudito, e o teor deles, à primeira vista, é de uma simplicidade que beira o pueril. Entretanto, a despeito de tudo isso, ele é reconhecido como o mestre por personalidades tão distintas como Álvaro de Campos, engenheiro viajado, que procurou vivenciar toda sorte de experiências e extrapolá-las em sua poesia; Ricardo Reis, médico ilustrado, simpatizante da monarquia e do classicismo grego, extremamente cioso da ordem da vida e de seus versos; Antonio Mora, personalidade de índole filosófica, que passou parte de sua vida em uma espécie de hospício; Fernando Pessoa, não somente o criador de Caeiro, mas também demiurgo de todo um universo. Em vista de todos os pormenores mencionados há pouco – detalhes que, se não fosse pela negativa das condições, poderiam justificar a posição central desse heterônimo – é difícil não se ver envolvido pela questão: o que faz de Caeiro o mestre?

Em um dos textos de *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*, ao refletir sobre as metamorfoses que a influência caeiriana operou em Ricardo Reis, em Fernando Pessoa, em Antônio Mora e em si mesmo, Álvaro de Campos faz referência a uma “reacção à Grande Vaccina” (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 103). Segundo Campos, a obra de seu mestre forneceu a Ricardo Reis a sensibilidade que lhe faltava para sua transformação de um pagão latente em um pagão de fato. Foi também depois de ler *O Guardador de Rebanhos* que Reis passou a escrever poemas e “a saber que era organicamente poeta” (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 102). Nas palavras do próprio Ricardo Reis:

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

Quando pela primeira vez, estando então em Portugal, ouvir ler O Guardador de Rebanhos tive a maior e a mais perfeita sensação da minha vida. Rolou-se-me de sobre o coração, de repente, todo o peso da nossa civilização postiça, todo o peso do cristianismo ativo cuja sombra jaz sobre a nossa alma. Respirei outra vez a grandeza, a força e a singela perfeição das grandes emoções primitivas, que vinha da natureza sem datas das almas. (PESSOA, *Ricardo Reis - Prosa*, p. 65)

Antonio Mora vivia atrás de uma verdade sobre a qual pudesse desdobrar suas especulações filosóficas, “passava a vida a mastigar Kant e a tentar ver com o pensamento se a vida tinha sentido. (...) Encontrou Caeiro e encontrou a verdade” (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 102). Mora era como um corpo sem alma até que a influência de Caeiro lhe deu uma alma, uma motivação central; desde então, ele se dedicou a formalizar, isto é, construir um sistema filosófico a partir das experiências contempladas nas palavras de seu mestre. A influência sobre Álvaro de Campos é tão intensa, que este confessa que antes de conhecer Caeiro, não passava de “uma machina nervosa de não fazer coisa nenhuma” (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 102). Só depois de conhecê-lo, ele passou a ser ele mesmo. “E de ahi em deante, por mal ou por bem, tenho sido eu” (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 102). Quando considera a reação de Pessoa ao seu mestre, Campos parece estar sensível à pulverização característica da subjetividade pessoana: “Mais curioso é o caso de Fernando Pessoa, que não existe, propriamente fallando” (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 102). Conforme o poeta-engenheiro, Pessoa só conseguiu alcançar a própria individualidade através dos poemas escritos em reação ao surgimento de Caeiro³. “Num momento, num único momento, conseguiu ter sua individualidade – a que não tivera antes nem poderá tornar a ter, porque a não tem” (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 102).

De acordo com a analogia de Campos, como uma “Grande Vaccina”, Caeiro provoca reações, transformações na existência daqueles que se mostram suscetíveis à sua influência. Mas qual seria o princípio dessa “Grande Vaccina”? Álvaro de Campos é direto e decisivo ao falar sobre o seu teor: trata-se de uma “vacina contra a estupidez dos inteligentes” (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 103).

A simplicidade de Caeiro é elementar. “Ele, Caeiro, não

³ Considerando as palavras de Álvaro de Campos e o relato pessoano sobre o episódio da gênese de Caeiro, podemos depreender que, ao anular tão enfaticamente a subjetividade de Pessoa, o surgimento de Caeiro mostrou de forma exemplar o que realmente compunha a individualidade do poeta português: a dispersão, a anulação do eu em prol do outro. Condição nevrálgica para a criação e manutenção da pluralidade heteronímica.

sabe porque vive mas sabe que o não sabe” (BERARDINELLI. *A poesia de Fernando Pessoa*, p. 46). Milênios de acumulação cultural, de desenvolvimento intelectual e tecnológico não garantem necessariamente que o ser humano tenha evoluído ou mesmo que a evolução seja algo a almejar. Questões essenciais e existenciais continuam sem respostas definitivas, nenhum caminho religioso, filosófico ou social trouxe satisfação ou conhecimento plenos e definitivos e a tecnologia jamais foi capaz de alterar de fato o curso da vida ou o Destino do homem. *Fausto, Tragédia Subjetiva* de Pessoa é o emblema radical de todo o esforço em vão do conhecimento. Por mais que tenha se empenhado em conhecer, desenvolver, inovar, o ser humano nunca deixou de ser aquilo que ele é. Antes, ele parece ter se esquecido desse fato primordial. Filho ou imagem e semelhança de deus, animal racional, descendente de macacos, agrupamento de átomos, sujeito, homem, humano, um nome, enfim, tudo isso, na perspectiva caeiriana, é distração enfadonha e sem sentido. Nenhuma dessas compreensões foi capaz de dizer o que de fato somos ou fazer de nós mais ou menos do que somos. “Essas coisas compreendidas só com a inteligência, nada são e nada valem” (PESSOA, *Ricardo Reis - Prosa*, p. 80). Entretanto, envolvido por milênios de acumulação supérflua, inteligência estúpida, facilmente o ser humano se esquiva de sua condição elementar, ele se distrai, cogita ser tudo isso, se esquece de ser aquilo que ele é e confunde aquilo que as coisas são.

A recusa de Caetano em “ver mais nas coisas que as próprias coisas” (ZENITH, *Caetano Triunfal*, p. 211) aplica-se igualmente à sua própria condição. No decorrer de sua vida e obra, ele procura se despir de toda acumulação, esquecer de tudo aquilo que lhe ensinaram, se desvencilhar da noção de homem e se desfazer até de seu próprio nome para afirmar que ele não é aquilo que fizeram dele, mas sim aquilo que ele verdadeiramente sente:

Procuro despir-me do que aprendi,/ Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,/ E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,/ Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,/ Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caetano,/ Mas um animal humano que a natureza produziu./ E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,/ Mas como quem sente a Natureza e mais nada./ (...) Sou o Argonauta das sensações verdadeiras./ Trago ao Universo um novo Universo/ Porque trago ao Universo ele-próprio. (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caetano*, p. 72)

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

Tudo o que aprendemos, pensamos, conhecemos, nasce

daquilo que sentimos e, posteriormente, depois da infância de nossos sentidos, tudo isso também vem a compor e interferir em nossas sensações. Todas as questões abstratas – sobre o sentido da existência, a evolução do homem, o mistério do mundo e da vida – nascem dessas sensações corrompidas por pensamentos, por isso essas questões não têm respostas definitivas, elas não são coisas verdadeiramente sentidas porque não existem como coisas, mas apenas como pensamentos abstratos das sensações. “Uma vez mais, é o pensamento, e só o pensamento, elemento patológico sempre a insinuar-se, que é o responsável pela metafísica do mistério, enquanto que para Caeiro o problema nem se chega a por” (SEABRA, *Fernando Pessoa ou o poetodrama*, p. 97). Caeiro ignora, ou melhor, ri dessas questões abstratas; aceitando e por isso esquecendo o jugo do Destino e fruindo aquilo que a Natureza lhe oferece.

A obra de Caeiro tem, porém, e além d'isto, um efeito crítico. Estes versos da sensação directa, contraposta a sua alma aos nossos conceitos sem naturalidade, à nossa sensação mental, artificiosa, contabilizada em gavetas, rasga-nos todos os trapos que temos por fato, lava-nos a cara da chimica e o estomago dos pharmaceuticos – entra pela nossa casa adentro e mostra-nos que uma mesa de madeira é madeira, madeira, madeira, e que mesa é uma allucinação necessária de nossa vontade industrial. (PESSOA, *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 106)

A crítica do mestre heterônimo à racionalidade desenfreada, à estupidez dos inteligentes, às abstrações desnecessárias, não corresponde simplesmente à negação despropositada: essa crítica faz parte de um propósito maior, a depuração das sensações.

Caeiro apresenta-se, antes de mais nada, como o poeta das sensações estremes: “A sensação é tudo (...) e o pensamento é uma doença” – diz ele segundo um texto de Pessoa. E este explica que “por sensação entende Caeiro a sensação das coisas tais como são, sem acrescentar quaisquer elementos do pensamento pessoal, convenção, sentimento ou qualquer outro lugar da alma”. Há nele, em suma, uma identificação das sensações com o seu objeto, por uma redução, que se poderá dizer, fenomenológica operada através da eliminação de todos os vestígios da subjetividade. (SEABRA, *Fernando Pessoa ou o*

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

poetodrama, p. 91)

São as sensações verdadeiras que, expurgadas de toda abstração e interferências, nos oferecem a realidade, o mundo tal como ele é. Com o perdão da redundância, vir a ser o que Caeiro realmente é, ou seja, se colocar em seu devido lugar, envolve sentir verdadeiramente o que ele é⁴: as coisas que ele sente. Ao trazer as coisas para o seu lugar próprio, mais do que se colocar em seu devido lugar, ele traz também “ao Universo ele-próprio.” Sobre esse movimento da vida e obra caeiriana, Ricardo Reis escreve:

Ignorante da vida e quase ignorante das letras, quase sem convívio nem cultura, fez Caeiro a sua obra por um progresso imperceptível e profundo, como aquele que dirige, através das consciências inconscientes dos homens, o desenvolvimento lógico das civilizações. Foi um progresso de sensações, ou, antes, de maneiras de as ter, e uma evolução íntima de pensamentos derivados de tais sensações progressivas. Por uma intuição sobre-humana, como aquelas que fundam religiões para sempre, porém a que não assenta o título de religiosa, por isso que, como o sol e a chuva, repugna toda a religião e toda a metafísica, este homem descobriu o mundo sem pensar nele, e criou um conceito de universo que não contém meras interpretações. (PESSOA, *Ricardo Reis - Prosa*, p. 46)

Provavelmente Caeiro é a única personalidade conscientemente plena do universo pessoano, ele não é cindido nem se sente incompleto, perdido, estrangeiro ou temeroso. Todos os paradoxos, incoerências e desvios de sua obra podem ser organicamente absorvidos pela compreensão central composta por ela.

Caeiro em que todas, absolutamente todas as contradições, rupturas, distâncias, oposições se encontram resolvidas e unificadas. Caeiro, o mestre da doutrina neopagã de que António Mora é o filósofo, realiza a aspiração última do projecto heteronímico: sentir tudo de todas as maneiras, atingindo a realidade das coisas sem deformar. (GIL, *O Espaço Interior*, p. 21)

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

4 A certa altura, em um diálogo entre Campos e Caeiro, nos deparamos com a seguinte conversa: “- Diga-me uma cousa. O Caeiro o que é para si mesmo? - O que sou para mim mesmo? repetiu Caeiro. – Sou uma sensação minha” (PESSOA. *Prosa de Álvaro de Campos*, p. 100).

Talvez seja por isso também que a duração de sua vida foi tão curta: ele não tinha necessidade de viver mais para estar realizado. Nenhum de seus discípulos, consciente ou inconscientemente, assumiu integralmente as suas idéias, nem era essa a sua pretensão: “Caeiro não espera que os demais heterônimos sejam “naturais” como ele, mas que, captando-lhe a “naturalidade”, busquem construir a poesia que a sua visão do mundo suscita” (MOISÉS, M. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*, p. 158). Mais do que sua “doutrina” das sensações verdadeiras, o que parece fazer dele o mestre é o seu exemplo de plenitude⁵, sua capacidade de saber reconhecer e ser exatamente aquilo que ele é. “É a minha descoberta de todos os dias./ Cada coisa é o que é,/ E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,/ E quanto isso me basta./ Basta existir para ser completo” (PES- SOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 91). Sobre a maestria de Caeiro, Octavio Paz escreve:

Alberto Caeiro é meu mestre. Esta afirmação é a pedra de toque de toda a sua obra. E poderia acrescentar-se que a obra de Caeiro é a única afirmação feita por Pessoa. Caeiro é o sol e em torno dele giram Reis, Campos e o próprio Pessoa. Em todos eles há partículas de negação ou de irrealidade: Reis acredita na forma, Campos na sensação, Pessoa nos símbolos. Caeiro não acredita em nada: existe. (...) Caeiro é tudo o que Pessoa não é e, além disso, tudo o que nenhum poeta moderno pode ser: o homem reconciliado com a natureza. Antes do cristianismo, sim, mas também antes do trabalho e da história. Caeiro nega, pelo mero fato de existir, não somente a estética simbolista de Pessoa como todas as estéticas, todos os valores, todas as idéias. Não fica nada? Fica tudo, limpo todos os fantasmas e teias de aranha da cultura. (PAZ, *Signos em Rotação*, p. 209)

Na obra do Argonauta das sensações verdadeiras, transformar a forma de sentir implicará necessariamente em transformar a forma de pensar. O título do seu primeiro livro de poemas, *O Guardador de Rebanhos*, pode ser visto também como

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

5 Sobre o efeito provocado por Caeiro, Reis escreve: “[Caeiro] foi para mim, como virá a ser para mais que muitos, o revelador da Realidade, ou, como ele mesmo disse, ‘o Argonauta das sensações verdadeira’ – o grande Libertador, que nos restituiu, cantando, ao nada luminoso que somos; que nos arrancou à morte e à vida, deixando-nos entre simples coisas, que nada conhecem, em seu decurso, de viver nem de morrer; que nos livrou da esperança e da desesperança, para que nos não consolemos sem razão nem nos entristeçamos, sem causa; convivas com ele, sem pensar, da realidade objectiva do Universo.” (PESSOA. *Ricardo Reis - Prosa*, p. 74)

uma referência explícita ao seu labor: “Sou um guardador de rebanhos” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 34). Entretanto, curiosamente, no verso inaugural desse livro Caeiro afirma: “Eu nunca guardei rebanhos/ Mas é como se os guardasse.” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 16) Ele nunca guardou de fato rebanhos, pois seu rebanho é de uma ordem diferente do habitual rebanho animal: “O rebanho é os meus pensamentos” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 34), escreve o poeta, e é como se ele os guardasse, pois esses pensamentos também são de uma ordem diferente da habitual abstração intelectual e devem ser resguardados desta influência. Ele completa: “os meus pensamentos são todos sensações” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 34).

Os sentidos ocupam um lugar privilegiado nos poemas de Caeiro. Enquanto as experiências sensoriais são consideradas a forma espontânea e direta de contato com os fenômenos, o pensar é visto como uma abstração destes, uma deturpação das sensações. Contudo, nem por isso o pensar é deixado de lado⁶, nem essa espontaneidade sensorial é alcançada de forma espontânea. “O que Caeiro tenta rejeitar repetidamente não é o pensamento in toto, mas sim o uso especulativo e transcendental do pensamento” (SILVA, L. *O materialismo idealista de Fernando Pessoa*, p. 19). Suas “sensações verdadeiras” não são meras sensações. Alcançá-las exige a depuração dos sentidos, tarefa que envolve a reflexão crítica sobre o conhecimento, sobre a própria reflexão e sobre as influências que podem marcar as sensações, a redefinição da subjetividade, ou melhor, do eu, a reconstrução da relação desse eu com os fenômenos e, por fim, uma nova compreensão do Universo. Essas transformações não excluem o exercício do pensar, porém, assim como as sensações não são meras sensações, no horizonte caeiriano, a forma de pensar não corresponde às formas habituais do pensamento. Trata-se de um pensamento capaz de suspender-se em prol das sensações, por isso o mestre pode dizer: “penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa” (PESSOA, *Poesia Completa de Alberto Caeiro*, p. 62).

Como um guardador de rebanhos, nosso poeta pastor intervém no movimento de seus pensamentos para garantir que eles não se percam em abstrações; seu esforço consiste em conduzi-los à sua condição primeira, promover o seu enlace com o sentir. “Só através da absorção do pensamento pelas

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

6 Ao comparar a experiência Zen à caeiriana, Leyla Perrone-Moisés também diz que o mestre heterônimo não nega absolutamente o pensar: “nem o Zen, nem Caeiro, ao recusarem o intelectualismo e ao promoverem o conhecimento sensorial, pretendem que o homem deva ser só instintos. O próprio do animal humano é ter essa mente-corpo capaz de um conhecimento que é ao mesmo tempo físico e “espiritual”. O que se nega aí é o pensamento analítico e o que se exalta é um pensamento sintético, também exclusivo do homem” (PERRONE-MOISÉS. *Fernando Pessoa. Aquém do eu, além do outro*, p. 124)

sensações se pode realizar sua identificação mútua: exterior às sensações o pensamento é uma excrescência, se não um vírus corruptor, que chega por vezes a perturbar a saúde do poeta, pondo em causa a sua “objetividade”” (SEABRA, *Fernando Pessoa ou o poetodrama*, p. 92). O pensamento nasce das sensações e torna-se abstrato quando se afasta ou tenta suplantá-las.

Marcada enfaticamente pela crítica às interferências das abstrações do pensamento sobre a vida, a obra de Caeiro insiste em uma volta às coisas mesmas através das sensações, ou melhor, ao cabo de todo um processo de depuração dos sentidos, não haverá diferença entre o sentir e as coisas mesmas. Em um movimento de pura coincidência, as sensações serão as coisas mesmas. Esse percurso será marcado por uma espécie de fenomenologia das sensações, jogo em que o próprio sentir se transforma em objeto dos sentidos. Será, sobretudo, através desse recurso que nosso poeta poderá depurar o sentir, distinguindo-o do pensar abstrato, dos conhecimentos adquiridos, das interferências sociais, culturais e, enfim, do hábito infiltrado na experiência sensível.

As coisas são brutalmente reais, objecto puro, renitentes a qualquer subjectivação ou interiorização, absolutamente impenetráveis, porque são o que parecem ser, sem profundidade, sem logos, simples como a pura superfície. De si as coisas são singulares, e se lhes atribuo complexificações ou mistificações estou a transferir para elas características dos meus esquemas mentais. As categorias e esquemas apriorísticos da mente não me dão a coisa, mas um resultado irreal, sem objectividade ou, melhor, se alguma objectividade têm, é apenas enquanto ficção que me imponho a mim próprio por me ser útil e agradável na condução da vida. (COELHO, A. P. *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*, p. 289)

A missão envolvida na “aprendizagem de desaprender”, consistirá, portanto, em identificar o alcance das influências e dos conhecimentos adquiridos, para deixá-los de lado, desaprendê-los em prol de um contato ingênuo com mundo. Além de realçar as sensações, através da anulação de seu alcance abstrato, o pensamento, nesse processo de aprender a desaprender, será exercido também em sua função crítica, auxiliando na depuração do sentir.

O empenho em despir as coisas para experimentá-las tal como elas são, em promover um retorno às coisas mesmas e em arrebanhar os pensamentos que se perderam em abstrações, como podemos constatar, envolve também uma crítica à

filosofia, sobretudo ao movimento da metafísica e à valorização do intelecto. Contudo, por mais que Caeiro critique a filosofia e se recuse a ser classificado como materialista⁷ ou representante de qualquer outro movimento, as experiências promovidas por sua poesia apresentam “pertinência ou conseqüência filosóficas” (MARTINS, *O erro da filosofia*, p. 250). Como uma “grande vacina contra a estupidez dos inteligentes”, a obra de Caeiro nos leva a questionar de forma radical o papel ocupado pelo intelecto e o valor de suas aquisições. Sem que essa crítica se esgote em uma simples negação dessa faculdade, como um pastor ele conduzirá tal exercício do pensar ao lugar que lhe é próprio.

A simplicidade de Caeiro está longe de ser equivalente à ingenuidade pueril. Essa frase pode parecer desconcertante aos olhos de quem leu, sobretudo no início deste ensaio, insistentes correlações entre o ímpeto da criança e o temperamento do poeta. Não obstante as inocências infantil e a caeiriana serem comparáveis em diversos aspectos, um fator as diferencia radicalmente, a saber: a ingenuidade do mestre poeta não é nada ingênua. Muito pelo contrário, enquanto a simplicidade infantil deriva da condição primária do desenvolvimento ainda latente da criança, a simplicidade de Caeiro é fruto de um processo sofisticado de maturação, que envolve a supressão de todo acúmulo intelectual e uma espécie de depuração do sentir; enfim, o aprender a desaprender. Através das observações de um mestre Zen, Leyla Perrone-Moisés fala sobre esse percurso caeiriano:

Um mestre Zen deixou a consignaçoão seguinte: “Antes de me tornar esclarecido, os rios eram rios e as montanhas eram montanhas. Quando comecei a tornar-me esclarecido, os rios já não eram rios e as montanhas já não eram montanhas. Agora, depois que me tornei esclarecido, os rios voltaram a ser rios e as

7 Conforme Benedito Nunes, “Alberto Caeiro, que desconhece o problema da substância, está longe do materialismo, por êle reputado muito estúpido – “coisa de padres sem religião e portanto sem desculpa nenhuma”. A matéria é uma abstração. Só é real o que vemos. Sensualismo? Não. Se o naturalismo abstrai os sêres em proveito do conjunto, do todo, que é a Natureza, o sensualismo, não menos abstrato, tudo reduz a elementos sensíveis, a impressões-átomos, desfigurando as sensações, cada uma das quais, deferente das outras, é nova, se sabemos sentir” (NUNES, B. *O dorso do tigre*, p. 220). Já sobre uma possível identificação de Caeiro com a fenomenologia husserliana, Luiz de Oliveira e Silva escreve: “Caeiro, no entanto, e este facto divorcia-o completamente da fenomenologia contemporânea, não tem nenhum interesse em desvelar “um significado imanente ao fenômeno e incorporado nele”. Ainda que ele possa parecer ao observador desatento como um partidário veemente do slogan de Husserl “Zu den Sachen selbst” na verdade o significado que ele reclama não é senão uma ausência de significado” (SILVA, L. *O materialismo idealista de Fernando Pessoa*, p. 22).

montanhas voltaram a ser montanhas”. Eis-nos já próximos das constatações de Caieiro. (PERRONE-MOISÉS. *Fernando Pessoa. Aquém do eu, além do outro*, p. 118)

A trajetória da simplicidade caeiriana não apenas está muito além da compreensão imatura de uma criança, como ultrapassa também a compreensão do homem civilizado⁸, que ainda se encontra ancorado em camadas de conhecimentos derivados de experiências indiretas.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

8 José Gil também escreve sobre a maturidade caeiriana: “A obra de Caieiro encontra-se como o olhar do primeiro homem, mas após a construção e a destruição das civilizações que se sucederam na Europa.” (GIL, *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*, p. 17)

BIBLIOGRAFIA

Escritos de Fernando Pessoa:

___ *Alguma Prosa*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

___ *Fausto – Tragédia Subjetiva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

___ *F. Pessoa – Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. São Paulo: A Girafa, 2006.

___ *Obras de António Mora, vol. VI*. Edição crítica por Luís Filipe Teixeira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

___ *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho*. Lisboa: Ática, 1966.

___ *Pessoa por Conhecer - Textos para um Novo Mapa*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990.

___ *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Lisboa: Presença, 1994.

___ *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

___ *Poesias*. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1995.

___ *Poemas de Ricardo Reis*. Edição Crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.

___ *Prosa de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 2012.

___ *Ricardo Reis – Poesia Completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

___ *Ricardo Reis. Prosa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003

___ *Textos filosóficos, 2 vols*. Textos estabelecidos e prefaciados por Antônio de Pina Coelho. Lisboa: Nova Ática, 2006.

___ *Textos Filosóficos. Vol. II*. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Lisboa: Ática, 1968.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

Escritos sobre Fernando Pessoa:

BERARDINELLI, C; HÜHNE, L; PEGORARO, O. *Fernando Pessoa e Martin Heidegger – O Poeta Pensante*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1994.

COELHO, A. Pina. *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. 2 vols. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

GIL, J. *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

_____. *O Espaço Interior*. Lisboa: Editora Presença, 1994.

LIND, R. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981.

MANN, T. *Carlota em Weimar*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

MARTINS, O erro da filosofia. In: *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MERLEAU-PONTY. *O olho e o espírito*. 1ª ed. Tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MOISÉS, M. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

NUNES, B. *O dorso do tigre*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

_____. “Poesia e filosofia na obra de Fernando Pessoa”. In: *4 Revista Colóquio/Letras*. Ensaio n.º 20, Jul. 1974, p. 22-34.

NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PAZ, O. *Signos em Rotação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017

PERRONE-MOISÉS, L. *Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. “Pensar é estar doente dos olhos”. In: Novaes, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SÁ-CARNEIRO, M. *Correspondência com Fernando Pessoa*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

___ *Obras completas. Cartas a F. P.* edit. Por Urbano Tavares Rodrigues, 2 volumes, Lisboa: 1958.

SANTOS, I. R. *Poetas do Atlântico – Fernando Pessoa e o modernismo anglo-americano.* Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEABRA, J. A. *Fernando Pessoa ou o poetodrama.* 2ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

___ *O Coração do Texto - Novos ensaios pessoanos.* Lisboa: Edições Cosmo, 1996.

___ *O Heterotexto Pessoaano.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

SILVA, L. *O Materialismo idealista de Fernando Pessoa.* Lisboa: Clássica Editora, 1985.

ZENITH, Caeiro Triunfal. In *Poesia completa de Alberto Caeiro.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 41-59
jul-dez, 2017